

O espectáculo "Isso não se pode ler em público" é um espectáculo divertido e irreverente, recorrendo sobretudo à poesia, ao improviso e a alguma encenação para mais de uma hora de gargalhadas. Cada texto é apresentado como se de um *sketch* se tratasse, com mudanças de cena sucessivas, surpresa e até a participação do público. É também o resultado de uma experiência de uma década na promoção da leitura pelo grupo O Contador de Histórias e prova como o humor e a poesia podem andar de mãos dadas, recrutando novos militantes para a causa da literatura.

No princípio parece que se vai assistir a um recital de poesia igual a tantos outros, com os declamadores entrando muito selectos. Mas quando um deles pede que lhe tragam um penico, e se senta sobre ele para dizer "Ler na retrete" de Henry Miller, logo se percebe que há ali algo de diferente.

Um recital surpreendente com leitura de textos divertidos e irreverentes dos melhores autores, à mistura com alguns anónimos, criando um espectáculo de humor invulgar, adaptado a todas as idades e especialmente interessante para todos os públicos.

Espectáculo "Isso não se pode ler em público"

cerimónia de entrega de prémios

28_outubro_2005_21h30m

auditório da junta de freguesia de oliveira de azeméis

6º concurso nacional de poesia

AGOSTINHO GOMES



Grupo O Contador de Histórias

Surgido em 1997, o grupo O Contador de Histórias começou por se dedicar à leitura de poesia. Depois de uma série de recitais em locais diversos e mesmo inesperados (...), o grupo enveredou pela vertente pedagógica (...). A narração oral acabou por ganhar igualmente o seu espaço, fazendo jus ao nome do grupo, especialmente após os frutuozos encontros com os mestres António Palavras Andarilhas e Delphim Miranda e a passagem pelo projecto Palavras Andarilhas.

Nos anos mais recentes, têm-se especializado, no trabalho com grupos de características próprias, como é o caso dos recusos com o programa "A poesia não tem grades" e das actividades de animação desenvolvidas em colaboração com a Fundação do Gil. O trabalho deste grupo tem vindo a ser desenvolvido por uma equipa que integra membros com formação em psicologia e pedagogia, além de escritores, músicos, ilustradores e contadores de histórias.

Em Oliveira de Azeméis, a Biblioteca Municipal colabora com O Contador de Histórias e, no decorrer da XII Feira da Leitura para crianças, pais e idosos, com a realização do atelier "Oficina de Sobrevivência para Pais Contadores de Histórias", a oficina "Histórias ao Fumeiro", o espectáculo infantil "Meter medo ao Susto" e sessões diárias de Hora do Conto.

O grupo é constituído por:

Arlindo Marques
Filipe Lopes
João Patrício
Nuno Garcia Lopes

1.º Lugar

Pseudónimo: Matilde Noronha
Nome: Regina dos Anjos Sousa Gouveia
Porto

Os rios da memória

I
É ao crepúsculo que correm os rios da memória
que gotas de chuva aprisionaram
e, navegando em raios de luz, disseminaram.
É ao crepúsculo que flutuam as lembranças
de lágrimas, de sorrisos e afagos,
romãs entreabertas, ofertando rubros bagos.
É ao crepúsculo que se adensam os mistérios
que a morna brisa se apressa em diluir
por entre as trevas da noite que há-de vir.

II
Nos enredos da memória,
por entre o silêncio branco,
vão desfilar sombras de mil vozes
e penumbras de mil cores,
as palavras não ditas e as ditas,
a luz que o orvalho dispersou,
os murmúrios do mar,
e os sussurros do vento,
o reverso do tempo
que eu tento aprisionar
no búzio que a maré aqui deixou.

III
Procuro o tempo por detrás do tempo.
Procuro um tempo, linha aberta,
não sei se parábola, se recta,
fluindo em direcção ao infinito.
Procuro o tempo por detrás do tempo
mas o que encontro é já um tempo elíptico,
linha fechada, quase circular,
veloz, a convergir para o centro
onde não há tempo por detrás do tempo
e já não faz sentido procurar.

2.º Lugar

Pseudónimo: Ana Liz-Boa
Nome: João Gonçalo Abrantes Machado Silvestre Entesede
Condeixa-a-Nova

ode às palavras de quem as corrompe

absorto no absurdo desta madrugada – escrevo.

desperta em mim – algures – a tímida presença de um murmúrio:
a consciência (ainda) embrionária e paralela do indizível:

onde as palavras nem sempre se subjugam
à cor ou ao sentido ou até à forma –
mais não são do que um adolescente conflito fonético.

(quicá? a génese deste poema.)

talvez – e pouso a caneta de tinta permanente
no papel ainda e quase sempre em branco –

talvez seja este grito, que nem em si encontra eco,
que perscruta as entre linhas do que fica sempre por dizer e o que foi
[dito e redito,

a chuva que dá forma a este mundo vão de aparências,
onde na ilusão da sinuosidade da curva de cada letra
(inconscientemente) me julgo encontrar –
o poema.

6º concurso nacional de poesia

AGOSTINHO GOMES

3.º Lugar

Pseudónimo: Énece
Nome: Joaquim Nogueira Castro Marques
Sacavém

Da mesma maneira
que em Março
os ribeiros sulcam
a terra com gestos
límpidos e frescos,
assim eu desenhei
com os meus dedos
a traços de ternura
o teu rosto,
os teus olhos fundos
de noite,
antes de,
pela primeira vez,
te beijar.
Em paga deste-me
as tuas horas de alecrim,
essas que tinhas guardadas
e desde sempre prometidas,
a um poeta que te encantasse.

Noites houve depois
(ouviam-se já
nas giestas
os passos
do mês de Abril)
em que, com
um carinho lento
e premeditado
te tirei o vestido
e tu me prendaste
com o teu corpo de mulher
que me lavou a sede
no sabor
húmido
quente
que tem.
Corpo que eu bebi
como bebo o vinho
que é sagrado.

Aceitaste
a minha ânsia
dã tua carne
até ficaram indistintos
os nossos nervos,
o nosso sangue,
a nossa pele,
no abraço meigo
em que todas as manhãs,
por Maio dentro,
adormecemos.

Prémio Revelação Juvenil

Pseudónimo: Raquel Cohen
Nome: Sara Raquel Ferreira Costa
Vila de Cucujães

sílabas de cinza

a vida quase ganha uma textura
quando as metáforas atingem
um efeito embriagante
e nos dissolvemos naqueles livros
repletos de mar coalhado.
a noite envelhece
e não tarda muito, o mundo arderá
até se reduzir a sílabas.
os nossos corpos serão cobertos por uma luz imensa
e qualquer sombra será mais espessa do que nós.
se necessitarmos de dor
recorreremos à plantação de geadas
e às lágrimas cristalizadas
que guardam as gavetas e o passado
mas nunca permitirei
que caminhos para a morte
sem bússola.